

## APRESENTAÇÃO

*Construtores de mim* divide-se em três partes. A primeira tem um único capítulo e duas origens. A primeira origem foi meu filme, realizado em 2017-2018, *Brasília: sinfonia de uma Capital*. Normalmente, um texto precede um filme sob a forma de um roteiro, mas aqui foi o contrário. Após captar amorosa e criticamente, na linguagem do cinema, lugares da capital federal brasileira e seus modos de uso, ocorreu-me voltar a eles de outra maneira: a linguagem de artigo acadêmico, inclusive diagramas, figuras e tabelas, *comme il faut...* A segunda origem foi o pós-escrito do seminal livro de Bill Hillier e Julienne Hanson *The social logic of space* (1984), que tanto influenciou minha formação. Dei-me conta que os lugares do filme variam nas duas vertentes que caracterizam a arquitetura moderna na escala da cidade, segundo Hillier e Hanson: a *dura* e a *suave*. Na primeira predomina uma configuração de barreiras, esquemas labirínticos, alta densidade; na segunda, a de grandes distâncias, imensos espaços livres, baixa densidade. Em sua hipótese, ambas seriam danosas ao convívio. O capítulo revisita essas ideias, com as quais deparei quarenta anos atrás, e revê Brasília à sua luz.

Quando surge na mídia um tema controverso da cidade, procuro publicar um artigo em jornal de grande circulação buscando traduzir, em discurso leigo e no espírito da divulgação do conhecimento científico para um público amplo – compromisso que todos nós acadêmicos devemos ter – os pontos de vista sobre a Capital facultados por nossas investigações, mas visando a uma paráfrase do Che que me ocorreu: *pero sin perder el rigor jamás...* A segunda parte do livro é feita de seis “textos efêmeros”, artigos aparecidos no *Correio Braziliense* entre 2010 e 2017, abrangendo questões de mobilidade, preservação do patrimônio cultural, invenção cotidiana da cidade por sujeitos anônimos, governança, e uma singela homenagem a Oscar Niemeyer publicada por ocasião do seu falecimento em 2012. Uma fonte de inspiração foram as deliciosas crônicas diárias publicadas durante anos por Conceição Freitas no mesmo jornal, muitas reunidas depois no seu livro *Bravos candangos* (2018).

A terceira e última parte são cinco “escritos de circunstância”, compostos no calor de momentos políticos, sociais e acadêmicos que me tocaram em especial. Deixam aflorar perplexidades quanto ao presente e ao futuro. Na seção, incluo o *Memorial* elaborado como parte do processo para a concessão do título de Professor Emérito da Universidade de Brasília, e o discurso de gratidão que proferi por ocasião do recebimento da grande honraria. Registro as contribuições pessoais e profissionais à minha formação ao longo destes 75 anos, e a maneira como procuro retribuir as bênçãos. Ouso juntar pequena aventura ficcional, na forma de um conto – *Morros*. Entenderão a pertença.

Cogitava não mais escrever um livro autoral porém concentrar esforços na edição de trabalhos de nosso grupo de pesquisa e de outros acadêmicos brasileiros como *Beleza peregrina* (2016), livro de crônicas de viagens de Valério de Medeiros; *Efeitos da arquitetura* (2017), organizado por Vinicius Netto (UFF), Renato de Saboya (UFSC), Júlio Celso Vargas (UFRGS) e Thereza Carvalho (UFF); *Ensaio sobre o desempenho morfológico dos lugares* (2017), dos colegas, amigos e parceiros de longa data Maria Elaine Kohlsdorf e Gunter Kohlsdorf; e *Qual é a sua praia?* (2019), de Lucy Donegan

(UFPB). Fora do catálogo de arquitetura, editei o livro de poemas da saudosa Christina Jucá, *A chama da vida* (2018).

Contudo, são quase dez anos desde o último livro que assinei sobre a Capital – *Brasília: cidade moderna, cidade eterna* é de 2010 – e quase vinte anos de lançado *O espaço de exceção*, de 2002, mas baseado na tese de doutorado, de 1997. Transformações urbanas e achados recentes de pesquisa me impeliram a um novo registro, embora destarte apenas num capítulo alongado. E o módulo de dez anos me pareceu simpático... O texto reflete a atualidade, porém discute prospecções ao incluir uma experiência pedagógica na disciplina Projeto de Urbanismo, agora inspirada em ideias do livro de Bill Hillier *Space is the machine* (1996).

O terceiro ato da vida sói ser um tempo de balanço crítico e de reminiscência – e de uma ânsia de compartilhamento. Receber o título de Professor Emérito foi o empurrão final. Eis o resultado.

Brasília, 2 de julho de 2019.

*Frederico de Holanda*

Professor Emérito da Universidade de Brasília